

PESQUISA E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS SOCIAIS

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA ¹

Resumo

A escola se apresenta descompassada com a evolução dos meios de comunicação e das linguagens que fazem circular informações no mundo contemporâneo. A partir da retomada de alguns episódios da história da humanidade, critica-se esse descompasso e enuncia-se algumas propostas para a formação e atuação dos professores brasileiros.

Abstract

The school is presented as not keeping up with the development of means of communication and the languages in which information circulates in the modern world. Based on a description of some episodes in the history of mankind, it criticizes this failure and gives some proposals for the training and action of Brazilian teachers.

Palavras-chave

Aprendizagem; Professores; Formação; Pesquisa.

Key words

Learning; Teachers; Training; Research.

¹Pós-Doutor em Educação
pela Universidade
Estadual de Campinas -
UNICAMP.
E-mail:
emarthi@terra.com.br

Conhecendo, por experiência direta e indireta, a infra-estrutura e os estilos pedagógicos dos espaços escolares deste país, posso afirmar que existe um descompasso muito grande entre a escola (principalmente a escola pública de 1º e 2º grau) e o universo das linguagens sociais. Sem querer radicalizar, por vezes sou levado a pensar que as escolas estão de costas, completamente descompassadas ou alienadas frente aos modos de comunicação do mundo contemporâneo. Quero dizer com isto que, apesar de uma evolução ou um desenvolvimento muito grande de linguagens e veículos de comunicação, a escola ainda reproduz um estilo conservador de produzir o ensino, reduzindo as possibilidades de expressão e interação das crianças e jovens. A imagem que formulo desse problema é comparável àquela do burro tentando abocanhar a cenoura – neste caso, a cenoura representa o complexo de linguagens que dinamizam as instituições nas sociedades de hoje e o burro representa a própria escola que corre, corre, corre, mas nunca alcança. Daí eu colocar a superação desse dilema como um grande desafio da educação escolarizada brasileira neste limiar de 3º milênio.

A Síndrome do “isto vai matar aquilo”

Para uma análise mais profunda desse esquema reprodutor descompassado, julgo importante apresentar e discutir um fenômeno que, por falta de um nome melhor, vou chamar de “Isto vai matar aquilo” ou, traduzindo, que uma forma de expressão vai fazer desaparecer uma outra, pré-existente. Para isto, preciso debruçar-me, mesmo que brevemente, na história da humanidade. Quer dizer, sem uma ativação da memória, trazendo os fatos do passado ao presente, o poder da minha argumentação ficaria muito enfraquecido, além do que falar de linguagens e cultura na sua relação com os processos educacionais não pode jamais descartar a perspectiva histórica na medida em que é sempre o homem que cria as linguagens, os discursos e os meios de comunicação a fim de satisfazer as suas necessidades existenciais.

Na obra *Pedro*, de Platão, encontro uma primeira referência ao dilema do *isto vai matar aquilo*. Conta Platão que quando Hermes, a quem se atribui a invenção da escrita, apresentou a sua invenção (a escrita) ao Faraó Egípcio Tamus, este elogiou e louvou essa nova técnica à medida que a escrita poderia, daquele momento em diante, permitir aos seres humanos lembrar aquilo que poderiam esquecer caso fizessem somente o uso da oralidade. Porém, o Faraó Tamus revelou uma certa insatisfação dizendo as seguintes palavras a Hermes “Meu caro Hermes, a memória é uma grande dádiva que precisa ser mantida viva através do treino cotidiano. Com a sua invenção (com a escrita) as pessoas não mais serão obrigadas a treinar a memória. Elas não mais vão se lembrar das coisas em função de um esforço interno, mas sim em virtude de um instrumento externo”.

O Faraó Tamus queria dizer que a escrita, igual a qualquer outro instrumento tecnológico, tornaria mais fraco o poder humano que ela substitui ou reforça.

Seria o mesmo que dizer, hoje, que os carros nos fazem menos capazes de caminhar ou andar a pé. No caso da escrita, uma vez inventada, ela diminuiria os poderes da mente, oferecendo ou impondo aos homens uma memória artificial. É lógico que Platão estava sendo irônico ao fazer este relato mesmo porque assumia um posicionamento contrário à comunicação escrita.

Creio que hoje em dia ninguém concorda com esse posicionamento mesmo porque os livros não são desculpas ou pretextos para fazer com outras pessoas pensem por nós. Muito pelo contrário, os livros são instrumentos capazes de provocar pensamentos mais densos e profundos sobre os fenômenos do mundo. Além disso, se no passado as pessoas precisavam treinar a memória para se lembrar das coisas, com a invenção da escrita elas tiveram que treinar a memória para se lembrar dos livros. Resumindo, a linguagem escrita, consubstanciada em livros ou em outros similares, desafiam e incrementam a memória; os livros não narcotizam a memória das pessoas.

Mas a preocupação demonstrada pelo Faraó Tamus, conforme relatada por Platão, pré-anunciou um certo tipo de medo ou de apreensão que vem acompanhando o homem desde os mais remotos tempos. Ou seja: o medo de que uma nova conquista tecnológica possa destruir uma capacidade que planejamos preciosa, que representa um valor em si mesma em termos de convivência e espiritualidade. Era como se o Faraó apontasse para a escrita e depois para a memória humana e dissesse “Isto vai matar aquilo” ou, ainda, “a capacidade de escrever vai tornar os seres humanos mais esquecidos”.

Mil anos depois, em pleno século XV, conforme relatado por Victor Hugo na obra *Notre Dame de Paris*, o mesmo fenômeno do “Isto vai matar aquilo” volta a aparecer. Desta vez, o Padre Claude Frollo aponta o dedo indicador para um livro e depois para as imagens adoradas da Catedral de Notre Dame e diz “O livro vai matar a catedral, o alfabeto vai matar as imagens da catedral”. Essa preocupação tinha a sua razão de ser mesmo porque a invenção da imprensa por Gutenberg tinha ocorrido um pouco antes; até então, o ensino religioso e a conversão da massa de fiéis através das histórias da Bíblia, a vida de Cristo e dos Santos, os princípios morais, etc... eram fornecidos e dinamizados pelas imagens da Catedral. Em verdade, uma catedral medieval, repleta de imagens e/ou narrativas visuais, era como um programa televisivo imutável e permanente – um programa que passava as massas iletradas tudo aquilo que era indispensável para a sua vida em sociedade e para a sua salvação eterna. Sendo assim, a disseminação e a democratização da escrita através da imprensa enfraqueceriam o poder das imagens e deixaria as massas distantes dos valores da Igreja, encorajando a busca de informações desnecessárias e permitindo a livre interpretação das escrituras. Neste caso, então, dentro do fenômeno do “Isto vai matar aquilo”, a escrita viria a destruir a comunicação visual ou imagética.

Imagens vão matar a escrita?

Dando agora um salto de 500 anos, depois do século XV, agora chegando no ano de 1960, a questão da substituição de uma linguagem por outra vai novamente aparecer. Agora na voz de Marshall McLuhan, tecida na obra *A Galáxia de Gutenberg*. Só que agora a coisa se investe: é a comunicação televisiva por imagens que vai destruir a linguagem escrita, fazendo declinar a necessidade da alfabetização e os usos dos textos verbais escritos, tomados por McLuhan como lineares, cartesianos e de difícil compreensão.

Quando todo mundo começava a se convencer de que a comunicação visual por imagens na televisão era mais moderna do que a comunicação escrita, surge mais perto dos nossos dias a revolução da informática e dos computadores, que põe em cena a necessidade do ler/escrever. Quer dizer: para usar o computador, que é uma tecnologia de base alfabética, o sujeito tem que ser alfabetizado para dominar as competências da escrita e da leitura. Nesse sentido, creio não estar errado em afirmar que o computador fez a humanidade retornar à Galáxia de Gutenberg – as pessoas que conversam na internet estão lidando fundamentalmente em palavras escritas. Se a tela da televisão pode ser considerada como uma espécie de janela através que vemos o mundo na forma de imagens, a tela do computador é um livro ideal no qual lemos o mundo através de páginas e de palavras escritas.

Creio ter argumentos suficientes para rebater essa idéia do “Isto vai destruir aquilo”, ou seja, de que uma linguagem seja capaz de substituir ou aniquilar em outra. Essa idéia, no seu ponto de vista, é um grande lero-lero, uma grande balela que somente alimenta os sonhos dos futurólogos que não têm muito que fazer. Historicamente falando, o que temos em nossa frente é a co-ocorrência e a concorrência de várias linguagens que, de maneira isolada ou de maneira conjunta, aumentam as possibilidades da comunicação humana. Além disso, co-ocorrem também os veículos ou a mídia que faz circular isoladamente uma só linguagem ou concomitantemente várias linguagens de uma só vez. Dessa forma, acredito ser uma perda de tempo reproduzir a crença de que uma linguagem venha a destruir/substituir uma outra ou então reforçar a idéia de que uma linguagem seja melhor do que a outra mesmo porque todas elas são socialmente importantes, apresentando qualidades e limitações para os processos de comunicação. Assim, considerando a realidade brasileira ou até mesmo a realidade mundial, acho que a questão que se coloca para todas não é a opor a comunicação escrita à imagética à sonora, mas sim como melhorar todas essas comunicações de modo a melhorar a vida e a existência do homem na terra.

Recuperando brevemente aquilo que eu afirmava no início deste texto, lembro ter dito que havia um descompasso entre o trabalho realizado pela escola e o mundo das diferentes linguagens e mídia. Afirmando que a comunicação verbal escrita, conforme veiculada através de livros (ou similares), é, ainda hoje, o instrumento supremo que dinamiza e movimenta o ensino e os processos mais gerais de educação escolarizada. Essa supremacia ou hegemonia, cujas razões

não quero examinar aqui, gera uma série de problemas ao nível de uma maior potencialização da pesquisa e da aprendizagem. Vou ilustrar esses problemas com alguns exemplos pontuais, referindo-me àquilo que a escola faz em contraposição àquilo que ela poderia fazer caso dispusesse de outros meios para enviar.

Listando alguns problemas

Até alguns anos atrás, a única forma de aprender uma língua estrangeira (além de um estágio no exterior, é claro) era estudar essa língua através de um livro, processo este dinamizado basicamente pela comunicação oral e escrita. Ora, os nossos meios de comunicação visual, do cinema à televisão ao próprio computador, permitem que o aprendiz conheça outras línguas vendo filme na edição original, decifrem símbolos no computador, ouçam discos, percebam visualmente as situações vividas por falantes nativos etc...

Um outro exemplo diz respeito à aprendizagem da geografia. Na minha infância, eu consegui o melhor das informações sobre os países exóticos (curiosidade penal) não nos livros didáticos, mas em livros de aventuras, como Julio Verne e outros autores. Posso dizer que os meus dois filhos aprenderam muito mais cedo do que eu tais assuntos vendo televisão e assistindo às sessões de cinema.

Na área de biologia, creio que um bom programa educativo de televisão e/ou um CD-ROM pode explicar dinamicamente as leis da genética do que um livro.

Acredito que os exemplos poderiam ser entendidos para todas as áreas do currículo escolar, para os diferentes níveis do ensino e para as diferentes tramas didáticas. Outro dia mesmo eu estava lendo um artigo sobre a aprendizagem de intervenções cirúrgicas em medicina através de simulações virtuais programadas pelo computador. Mas verifiquem que, com estas ilustrações, eu não estou querendo diminuir ou rebaixar o valor da comunicação escrita mesmo porque a função da literatura (arte literária) ocorre única e exclusivamente através do livro, com possibilidades muito remotas de substituição.

Não estou errado em afirmar que hoje o conceito de alfabetização envolve muitas linguagens e muita mídia. Quer dizer: uma política esclarecida de alfabetização precisa levar em conta as possibilidades de todas as mídias que se inter cruzam na comunicação do homem em sociedade. Dessa forma, a preocupação educacional e escolar precisa ser estendida ao universo intersemiótico movimentado por todos os veículos de comunicação, sob o risco de empobrecer o ensino pelo privilégio atribuído a um tipo exclusivo de expressão e recepção de informações.

Quero lembrar que não é nova e nem exclusividade minha essa idéia de uma abertura maior das escolas para as múltiplas linguagens sociais e para as novas

tecnologias de comunicação. Já nos idos de 1978, na obra *Linguagem Total*, traduzida e publicada pela Summus Editorial, o espanhol Francisco Gutierrez chamava a atenção dos educadores para a necessidade de incorporar diferentes linguagens e mídia em benefício dos processos de ensino-aprendizagem. Outros estudiosos brasileiros, como Arlindo Machado e José Marques de Mello, também possuem reflexões nessa linha, criticando as escolas no sentido de não permanecerem a reboque da mídia e/ou então no total desprezo a respeito dos vários processos de comunicação da sociedade brasileira contemporânea. É interessante observar que muitos desses autores, principalmente Francisco Gutierrez, defendem apenas o enriquecimento do ensino e a compreensão concreta das gramáticas que tecem as linguagens, mas também que os estudantes aprendam como estruturar e saibam estruturar mensagens através de todas as mídias. Eis aqui um super desafio para as nossas escolas, considerando que elas fracassam até mesmo no ensino visando o domínio dos usos de própria linguagem escrita.

E o professor?

Finalizando, gostaria de tecer alguns comentários a respeito do principal agente e responsável pelo ensino escolarizado, o professor. Nesta esfera o dilema cresce exponencialmente em função de uma série de carências, de lacunas, de preconceitos e de vícios enraizados na sua formação profissional. Novamente, tenho que selecionar e discorrer sobre alguns dos aspectos que interferem ou até mesmo bloqueiam o uso equilibrado das linguagens e da mídia em benefício do trabalho docente.

Em termos sociais bem amplos, mas repercutindo também na esfera da docência, o canadense Alvin Toffler estudou os reflexos da aceleração das descobertas científicas e inovações tecnológicas nas sociedades contemporâneas. A partir desse estudo, Toffler cunhou “choque do futuro”, ou seja, a incapacidade de muitos seres humanos em entender e acompanhar as velozes transformações que vêm ocorrendo neste final de século. Além de constatar sérios problemas na esfera dos conteúdos a serem selecionados pelo professor para apresentação em sala de aula, Toffler diz que ao proferir cabe não apenas ensinar o aluno a aprender a aprender, mas muitas vezes, levar o aluno a desaprender para reaprender.

O pedagogo espanhol José Maria Estève, que vem pesquisando mais diretamente os efeitos das transformações tecnológicas na pessoa do professor, elaborou a expressão *mal-estar docente* (nome de um livro também) para expressar a situação daqueles professores que não compreendem e nem são capazes de acompanhar as mudanças que se processam em nosso tempo. Estève ainda aprofundou o conceito de tecnofobia, ou seja, a recusa do professor a qualquer inovação que ponha em risco e questione as formas tradicionais de ensino desse professor.

Trazendo a reflexão de Toffler e Esteve para dentro da realidade concretamente vivida pelos professores, vemos que o problema se torna dilemático, contraditório ou, no mínimo, extremamente paradoxal, que aumenta ainda mais o volume do desafio até aqui configurado. Por que? Por três motivos básicos, que passo a descrever:

- ao nível da “cabeça”, parece-me que a mentalidade tecnicista ainda não foi completamente extirpada no âmbito do magistério brasileiro. Massageado e controlado (no pensamento e ação) ideologicamente pelo tecnicismo, o professor passa a acreditar que as metodologias e os recursos que se fundamentam na comunicação visual e/ou virtual podem ser tomadas como fins em si mesmos ou como uma panacéia para resolver todos os problemas do ensino-aprendizagem na sala de aula;
- o manejo pedagógico das diferentes linguagens e da mídia, de modo a beneficiar as práticas de ensino, depende de volumosos investimentos na esfera de atualização dos professores, coisa que os governos parecem não muitos dispostos a fazer. Assim, a situação é extremamente cômica: é feita a aquisição de equipamentos sofisticados, mas não se proporciona aos professores condições objetivas para manejá-los. Outra situação é que muitas vezes os estudantes entendem muito mais do funcionamento da mídia do que os próprios professores.
- toda a infra-estrutura física e de recursos humanos (de apoio) de escola precisa ser repensada e reformulada no sentido de agasalhar, de maneira coerente e objetiva, a nossa mídia faz circular diferentes linguagens. Além disso, outros tipos de comunicação também afetam diretamente os modelos de organização circular. Novamente aqui existe a necessidade de investimentos e de planejamentos arrojados, coisas que estão muito além das possibilidades reais das nossas escolas e dos nossos professores.

Referências

- ECO, U. **Da Internet a Gutenberg**. Disponível em: <<http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/tekster/Eco/Internet.htm>>
- GUTIÉRREZ, F. **Linguagem Total**. São Paulo: Summus, 1978.
- MCLUHAN, M. **Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Nacional, 1967.
- SILVA, E. T. da. **Leitura: Trilogia Pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SILVA, E. T. da (Org.). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.
- TOFFLER, A. **Future Shock**. New York: Bantam, 1970.

